

Entrevistado (s): Seu Ademar

Bem cultural (s): Ofício: Guincho

Entrevistador: xxxxxxxxxxxx

Local/Data: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Número de registro Anexo 2: 60

Número de registro Anexo 4: 83

Entrevistadora: 15:15 dia 16/06, Ofício: Guincho, Seu Ademar. É, seu nome completo Seu Ademar?

Seu Ademar: Ademar de Sousa.

Entrevistadora: É conhecido como?

Seu Ademar: Ademar.

Entrevistadora: Data de nascimento?

Seu Ademar: 28 de março de 1932.

Entrevistadora: Endereço completo, bairro.

Seu Ademar: Endereço completo? Rua Mariseiras, 128, residência. Endereço Comercial: Rua Pero Coelho, 307, Barbalha/Centro.

Entrevistadora: Telefone?

Seu Ademar: Telefone da empresa: 532.16.95. Da residência: 532.15.08.

Entrevistadora: A sua ocupação? O que você faz.

Seu Ademar: Eu possuo uma oficina mecânica, prestadora de serviço, inaugurada em outubro de 1950, aqui mesmo em Barbalha.

Entrevistadora: Certo. Você nasceu onde?

Seu Ademar: Nasci em Barbalha.

Entrevistadora: Em Barbalha mesmo? Sempre morou aqui.

Seu Ademar: 72 anos e 2 meses que eu moro aqui.

Entrevistadora: (?) no Guincho. Qual a sua função no Guincho?

Seu Ademar: Não, a história do Guincho é por demais, vamos dizer, interessante. O Pau da Bandeira de Barbalha, é um mastro que geralmente pesa 2 toneladas,

geralmente tem 20 metros de comprimento, e ele era levantado através de tesouras. Na época em que meu pai era capitão desse pau, os homens levantavam esse Pau correndo muito risco, por que era com as tesouras, e alguns com as cordas que era pra equilibrar o levantamento do Pau, até que então, meu pai passou essa responsabilidade para Mestre Pedro Batista, mecânico, residente aqui em Barbalha, e na época em que doutor Fabriano Livônio Sampaio foi prefeito de Barbalha, juntamente com padre Eusélio de Oliveira, também de Barbalha, acharam por bem fazer um Guincho para dar mais segurança ao levantamento do Pau da Bandeira, e Fabriano como prefeito, mandou que Mestre Pedro fizesse o processo, executasse a obra, na época foi preciso que Mestre Pedro viajasse até Recife para comprar o cabo de aço, que ainda hoje está no Guincho, para que levantassem o Pau com mais tranquilidade, com mais segurança, sem risco de acidente.

E aí então, Mestre Pedro, até a década de 80 veio executando esse serviço, até que se achou cansado e passou essa responsabilidade de estar lá, de verificar e de levantar o Pau da Bandeira, pra minha pessoa, que ainda hoje estou fazendo isso, esse ano mesmo levantamos com sucesso, está lá o Pau fincado em frente à matriz de Santo Antônio, com toda segurança, sem risco de acidente, e estamos aí.

Entrevistadora: Logo, o senhor coordena o Guincho. Como é que funciona?

Seu Ademar: O Guincho ele vive guardado lá no salão paroquial e na véspera, na data do levantamento do Pau, a gente instala ele numa base já apropriada que tem pra ele, fincado lá com quatro parafusos chumbados, a gente preserva coberto as porcas que fixam o Guincho, a gente lubrifica e bate até o calçamento que ninguém dá pra ver. Na época a gente faz o estudo da questão, tira o calçamento e fixa o Guincho nos quatro parafusos, e se trabalha com abraçadeiras, com grampos, (?) do Pau. O Guincho tem uma extensão de mais de 20 metros de cabo de aço, então se amarra ele acima do meio do mastro, acima do meio do mastro, dá-se uma laçada muito prática que depois de levantado qualquer pessoa quem afrouxa o Guincho, era laçado a aba e o cabo desce.

Entrevistadora: E o senhor que coordena, não é isso?

Seu Ademar: Eu que coordeno isso, então precisa de dois, três, quatro homens, por que ali é um serviço muito pesado, porque ali está a responsabilidade de erguer esse Pau, então os homens (?), mais ou menos de cerca de 60 centímetros de ângulo (?), quatro homens vão rodando, o Guincho vai enrolando no rolo, e o Pau vai levantando.

Entrevistadora: E o senhor vai coordenando.

Seu Ademar: Coordenando, a gente tem o trabalho de coordenar, de orientar, de limpar a área para que não haja acidente, porque, naturalmente, o cabo de aço se pegar numa pessoa é perigoso, e a gente coordena esse trabalho.

Entrevistadora: Aí você coordena antes e depois, não é isso?

Seu Ademar: Coordeno assim, antes, na instalação do Guincho e coordeno na hora do levantamento, e depois que se levanta o Pau, um dia ou dois depois, retira o Guincho e torna a guardar na secretaria paroquial.

Entrevistadora: E essas pessoas que você coordena, são pessoas que eles mandam? Ou não?

Seu Ademar: É, eu tenho uma equipe, que são: Meu filho, André Ademar, que me ajuda nesse sentido, e voluntário, mais pessoas que já tem a vivência de trabalhar conosco, Tarcísio, que também já foi capitão do Pau da Bandeira por muito tempo, ele sempre nos ajuda a pregar os grampos, Antônio Sampaio, é, tem uns voluntários que já entendem aquele trabalho, que já colabora com aquele trabalho que a gente tá fazendo.

Entrevistadora: Aí todo ano são eles?

Seu Ademar: É são eles, varia, são muitas pessoas que querem colaborar, mas geralmente nós temos a equipe de sempre, e fazemos isso por que é um trabalho que não pode passar pra terceiros sem ter a prática, sem saber o que é que tá fazendo.

Entrevistadora: O senhor poderia citar o nome deles?

Seu Ademar: Ah! Tem muitos. Tem, que nos ajuda, tem, é, João Vítor, esse rapaz, ele tem uma responsabilidade de amarrar, ele herdou do pai dele essa responsabilidade, que antes era Custódio, de amarrar a bandeira, a bandeira por ocasião da missa é benta na Igreja da Matriz já com um pedaço de pau, que faz-se o desfile de folclore de Barbalha com essa bandeira, na hora que o Pau chega ele tem a responsabilidade de amarrar a bandeira, e muitos outros, os netos de Mestre Pedro, é, Thiago e outros, amarram as tesouras, que as tesouras, mesmo com o Guincho, não foram dispensadas, as tesouras, pra quê que serve? São três tesouras que servem pra equilibrar o Pau quando ele pende para um lado ou para outro e pra iniciar pra levantar, por que o Guincho só tem função quando o Pau está, vamos dizer, 30% levantado, enquanto isso é levantado através dos carregadores, que são milhares de carregadores desse Pau e do povo em geral que ajuda nesse sentido, juntamente com as tesouras levantam e quando tá mais ou menos há 30 graus de altura do chão, então o Guincho passa a ter a função de puxar para o furo, o furo também do pau é uma coisa que, o doutor Fabriano na época fez de concreto esse furo, que naturalmente o Pau quando vai levantando bate na parede do buraco, o buraco, ele tem uma rampa, uma rampa que facilita o levantamento do pau, então o pau bate, vamos dizer, na testa do buraco e vai deslizando e levantando nessa base de cimento armado.

Entrevistadora: Aí o senhor fica esperando esse Pau com o Guincho lá ou só acompanha?

Seu Ademar: Bom, eu estar no Guincho, fico lá esperando que o Pau chegue, então geralmente quando o Pau demora, eu vou até a determinado lugar pra apressar, pra colaborar com os carregadores e pra chegar até o ponto, mas já deixo tudo no ponto, que é pra quando o Pau chegar, coloca-se na cama, como a gente chama, e pegamos os grampos e damos o nó do cabo de aço, e procede-se o levantamento do Pau.

Entrevistadora: E com quem o senhor aprendeu?

Seu Ademar: Eu aprendi a manusear esse Guincho com Mestre Pedro da Pista, por que na época do meu pai não existia, e o Mestre Pedro foi o idealizador desse Guincho, com o engenheiro Fabriano Livônio Sampaio, e eu. Ele quando cansou passou pra mim a tarefa e me deu as coordenadas por que eu já era ajudante dele, assim como hoje, Tarcísio, Pitelo, e muitos outros que colaboram comigo, também Ademar, Marcelo, Julhinho, muitos outros que colaboram comigo já estão capacitados, amanhã, depois, se eu cansar, eles tomarem a responsabilidade de levantar o Pau da Bandeira de Santo Antônio.

Entrevistadora: E o senhor já ensinou, ou ensina a algum parente seu, ou alguém assim muito próximo?

Seu Ademar: Ensino, o meu filho já tem todo o macete, já está habilitado à executar, os netos de Mestre Pedro também.

Entrevistadora: O senhor pode citar o nome do filho do senhor?

Seu Ademar: O meu filho é Antônio Ademar, já está... Esse ano quase que foi ele quem coordenou esse levantamento do Pau da Bandeira, já estou um pouco cansado, já estou com 72 anos, já não dá pra tá correndo pra lá e pra cá, então foi ele quem me auxiliou brilhantemente.

Entrevistadora: E o senhor participa de alguma associação ou cooperativa aqui na Barbalha?

Seu Ademar: A minha vida social aqui na Barbalha, eu sou sócio da cooperativa de crédito aqui de Barbalha, sou Vicentino e sou Rottariano, é, esse grupo de serviço, que eu tô citando, estou na presidência pela segunda vez.

Entrevistadora: E o senhor poderia me informar da data que o senhor começou a coordenar? O senhor lembra? Ano?

Seu Ademar: É, ano assim, precisamente, a década de 88.

Entrevistadora: Qual o motivo que levou o senhor a coordenar esse ofício?

Seu Ademar: Santo Antônio! O motivo é que desde criança que eu sou admirador da Festa de Santo Antônio, eu sou devoto de Santo Antônio, e como devoto de Santo Antônio, como todo barbalhense, principalmente as famílias de Raimundo Francelino, de Maria de Lourdes, que são (?) desse Pau por muito tempo, é... (?) Edmundo, filho de Edmundo Sá, é (?), carregadores do Pau da Bandeira de Barbalha é a elite com os operários de Barbalha que faz esse trabalho, e eu como barbalhense não poderia deixar de ter muito estímulo e consideração a isso, por que o meu pai foi capitão desse Pau da Bandeira, por que se denomina do nome de capitão, aquele que coordena o corte do Pau, vai com o pessoal pra trazer o Pau, é chamado de capitão, isso o meu pai foi por mais de 20 anos, capitão do Pau da Bandeira de Santo Antônio e colaborando com ele também, fiquei um elemento assíduo a esse cortejo do Pau da Bandeira, como todo barbalhense gosta e fazemos isso com muito prazer.

Entrevistadora: Então é uma questão religiosa?

Seu Ademar: Questão religiosa e questão de amor à terra e ao Santo.

Entrevistadora: Então quer dizer que essa festa mistura a elite de Barbalha, que participa, mais alguns operários?

Seu Ademar: É, essa é uma festa do povão de Barbalha, o cortejo do Pau da Bandeira, que a elite, não total, mas parte da elite gosta de colaborar e de estar presente à esse trabalho.

Entrevistadora: Mas essa junção é só na festa de Barbalha ou é durante o ano todo?

Seu Ademar: Era pra ser só uma festa no mês de Junho em Barbalha, mas tornou-se uma festa de cunho nacional, hoje a festa de Santo Antônio, principalmente do Pau da Bandeira, tornou-se uma festa de cunho nacional, não só pro Ceará, mas toda a televisão, jornais, escrito e falado, vem à Barbalha a Globo, a TVS, a TV Cidade, então vem todos os canais de televisão vem prestigiar, vem filmar esse evento que é a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, isso já foi tema até de música gravado por Luís Gonzaga.

Entrevistadora: Além dessa história do pai do senhor de ter sido capitão, de ter passado pra esse outro capitão, que ajudou a coordenar, que lhe passou isso, tem alguma outra história que acontece? A preparação do guincho? O senhor lembra de alguma história que aconteceu?

Seu Ademar: Não, o guincho, a história que eu já disse a você, que foi uma idéia do engenheiro, na época, prefeito de Barbalha, Fabriano, que idealizou e Mestre Pedro executou, para a segurança, por que já houve um tempo que, digamos, o Pau já com 50% levantado, chegou a cair, um perigo muito grande, poderia ter machucado muita gente por lá, felizmente não houve nada, e daí se tomou, veio essa precaução de idealizar esse guincho, que é uma segurança total no levantamento do Pau da Bandeira, isso foi muito bom, foi na época que o Pedro Fabriano foi prefeito de Barbalha, isso há mais de 20 anos, quase 30 anos atrás.

Entrevistadora: Mas assim, uma história que ocorreu, de ta assim, levantando, ou com o pessoal que ta ali ao redor, ou até antes, o senhor lembra de alguma história?

Seu Ademar: Não, a história é o seguinte...

Entrevistadora: Alguma historinha que aconteceu do Pau cair...

Seu Ademar: ... não, é depois, depois do evento do guincho não teve mais, vamo dizer, perigo de acidente no levantamento do Pau, isso se faz, como eu lhe disse, não é uma pessoa só, apenas a gente coordena, e então pessoas que, por exemplo, já faleceram, era assíduo ao (?), Coquinho, o motorista aqui de Barbalha, gostava muito de nos ajudar, esse é já falecido, viu, e acidente mesmo nunca aconteceu, a não ser, vamos dizer, curiosos, que as vezes tá ali por perto, uma vez um levou uma pancada no joelho, no movimento do guincho, mas outra coisa não, tudo é...

Entrevistadora: Eu queria agora que o senhor [corte no áudio] (?)

Seu Ademar: Bem, o dia anterior ao cortejo do Pau da Bandeira, eu me desloco da minha usina com a caminhoneta de carroceria, vou até a secretaria da Casa Paroquial, lá onde é guardado o guincho, levo 4 ou 6 pessoas, que o guincho pesa em torno de 200 kg, levo esses homens, boto em cima da carroceria do nosso carro, venho até o local, já deixo gente pesquisando o local onde é que estão os parafusos, desmancha-se ali um quadro de calçamento de 1 m² para encontrar os parafusos que estão lá, chega-se ali, faz uma limpeza, instala, lubrifica-se o guincho...

Entrevistadora: O local, toda vida é o mesmo local?

Seu Ademar: É, o local já é predestinado, certo, o local...

Entrevistadora: Todo ano é aquele local.

Seu Ademar: Aquele local, já está lá fincado, chumbado com cimento, feito a base do guincho, o guincho tem uma base feita também de concreto, de cimento, que possa resistir o grande prego do mastro sem abalar o chão, se fosse no chão ele não... se arrancaria, mas tem essa base feita, profunda, com a profundidade de 1,50 m, mais ou menos, que é chumbado 4 parafusos, que se fixa o guincho nesses 4 parafusos, com 4 porcas, e que, e para executar o trabalho.

Entrevistadora: E esse parafuso que o senhor falou, é comprado aqui em Barbalha mesmo?

Seu Ademar: Não, esse vive lá, poderíamos dizer, eternamente, é chumbado em cimento lá, esse parafuso só se retira as porcas na hora de colocar o guincho, depois que a gente, já no segundo dia do Pau levantado, vai fazer o mesmo movimento de volta, chegamos com quase 6 pessoas, arrancamos o guincho, botamos no carro e guardamos no Casa Paroquial, temos o cuidado de colocar as porcas de fixação em graxa, lubrificando mesmo, pra que cobrindo com terra não venha a enferrujar, não venha sofrer nenhum transtorno para o ano seguinte.

Entrevistadora: Aí o senhor instala essas porcas, não é isso? Como é a continuação?

Seu Ademar: Depois que tá lá, é, instalado, a prefeitura depois manda bater o calçamento em cima, a gente faz uma referencia pra saber no outro ano onde é, mas quando você chega lá, por exemplo, depois de bater no calçamento não sabe onde foi instalado.

Entrevistadora: E quando Pau vem alguém avisa a você que vem chegando?

Seu Ademar: Não, aí quando o Pau vem chegando a gente deixa que se amarre a bandeira, deixa que se amarre as tesouras, então aí a gente desenrola o guincho, que é 20 m ou mais de cabo, e faz-se a laçada acima de 50% do Pau, finca-se 3 grampos feitos na nossa oficina, bate-se de marreta para que o cabo não deslize de Pau à baixo, então o cabo é fixado acima dos grampos para que o cabo não desça na hora de levantar o Pau.

Entrevistadora: Quer dizer que os grampos são feitos na...

Seu Ademar: É, na nossa oficina. Todo ano eu faço esses três grampos que fica no Pau lá, ninguém tira quando derruba o Pau.

Entrevistadora: Esse grampos é...

Seu Ademar: Feito de ferro, como se fosse uns pregão, como se fosse uns pregão, a gente leva marreta e bate três (?) desse, na altura, acima de uns 60% de altura, do pé do Pau para a ponta, para que ficasse fixado e não tenha perigo do Pau descer e haja acidente.

Entrevistadora: O senhor ganha da prefeitura alguma parte (?) pra fazer isso todo ano?

Seu Ademar: Não ganho nenhum centavo, muito pelo contrario, a gente tem sempre alguma despesazinha, por que a gente tem operário, o operário tá lá para instalar o guincho, mas nós fazemos isso por amor, e como se fosse uma devoção para com o Santo, não cobramos nada, nenhum centavo, nada.

Entrevistadora: Mas o pessoal que trabalha com o senhor, o senhor dá...

Seu Ademar: Os meu operários, por exemplo, eu me desloco com eles da minha oficina, eles não vão ganhar pra ir buscar o guincho, mas tando no expediente deles, quando tiver que ir (?), o pessoal que ajuda na hora do levantamento, esses não, esses não são remunerados, tudo eles fazem, digamos, por amor, eles, como se fosse um esporte.

Entrevistadora: E além do senhor combinar o guincho, é, complementar o guincho, lá, o senhor ajuda nesses três dias de festa?

Seu Ademar: Ah, aí vem a participação do ser - humano, que é então, por exemplo, esse ano, Rotary Club, naturalmente, que eu estou na presidente, ficou na responsabilidade de um leilão e a coordenação de uma noite de barraca, tivemos duas noites trabalhando em prol da Festa de Santo Antônio e freqüentamos varias noites com a coordenação dos lucros.

Entrevistadora: Assim, mas coordenar outro ofício você não coordena não né? Nem leilão não né?

Seu Ademar: Não, só o guincho, o leilão e as barracas, como foi solicitado esse ano, para que o Rotary Club administrasse uma noite das barracas, e nós fomos pra lá, não somente eu, mas todos os rotarianos, e trabalhamos em prol da grandeza da Festa de Santo Antônio.

Entrevistadora: Você falou que os 3 grampos, não é isso? Usa as 4 cordas, os matérias que vocês usam, as ferramentas?

Seu Ademar: Ferramentas, as ferramentas que nós usamos é marreta...

Entrevistadora: A marreta é pra quê, a marreta?

Seu Ademar: pra bater os grampos, inchadas e pá para enterrar o Pau, entendeu? E esse trabalho é feito pela responsabilidade da gente, que está lá para levantar o Pau.

Além disso, nós também temos, por muitos e muitos anos, a responsabilidade de cooperar, de ajudar na coordenação da procissão no dia 13, Santo Antônio, ele vem no Carro Andor, esse carro é um jipe, a paróquia já tem a estrutura pra adaptar-se ao jipe, para que possa suportar o santo em cima, amarre-se a isso, é feita a ornamentação na casa de (?) Duarte, a esposa dele e Socorro Nogueira e Socorro Medeiros, são responsáveis pela ornamentação, e tem as pessoas já certas de trabalhar no jipe que conduz Santo Antônio, precisa-se além, naturalmente, os assessores ali pra orientar o motorista, pra dar assistência ali ao carro, e geralmente é Tarcísio, Bitelo, Nilo, eu, geralmente essas quatro pessoas, estamos lá no cortejo de Santo Antônio, com uma dessas pessoas dirigindo, esse ano frei Tarcísio que dirigiu o jipe, o jipe é também uma doação para esse trabalho, do senhor Benjamin, antigamente Padre Augustino tinha um jipe aqui, de propriedade do padre mesmo, e era quem fazia isso, então esse foi vendido e hoje já há uns quatro anos que Seu Benjamin Romão cede o jipe dele pra a gente fazer o cortejo da procissão de Santo Antônio, depois então de executado isso, Antônio Celeiro Azevedo, que nós conhecemos por Bitelo de Tarcísio, tira a armação do jipe, coloca a capota e devolve ao dono, isso também ele faz com cortesia, faz gratuitamente.

Entrevistadora: Certo, aí os três grampos servem pra quê, que o senhor falou?

Seu Ademar: Os grampos é para fixar, os grampos é para o Pau da Bandeira, né, para que o cabo de aço não deslize do Pau, para não dar acidente, esse grampo fica lá em cima, pregado, e esses grampos não é retirado, só é retirado depois o cabo.

Entrevistadora: Os cabos né. E todo ano é feito grampos novos.

Seu Ademar: Todo ano é feito grampos novos.

Entrevistadora: E esses pregos, porcas que o senhor falou, não é isso?

Seu Ademar: Não, as porcas são as mesmas, ela fica lá no lugar, viu, durante o ano, e a gente retira ela, coloca o guincho e fixa com as porcas.

Entrevistadora: E pra quê que serve os grampos com as porcas?

Seu Ademar: Os grampos...

Entrevistadora: Não, as porcas.

Seu Ademar: É para fixar a base do guincho, viu?! Por que ele teria que ser bem fixado, por que é muito peso pra deslocar o Pau no levantamento.

Entrevistadora: Durante essa preparação toda tem alguma comida específica? Todo ano é aquela comida específica que vocês comem?

Seu Ademar: Não, isso aí é, essa parte aí já não me compete não, comida específica, a parte de alimentação, ela é dirigida pelos grupos folclóricos, nós que temos uma responsabilidade de levantar o Pau da Bandeira não temos alimentação nenhuma, não temos merenda, nem nada, mas para o povo, povão que conduz o Pau da Bandeira [áudio fica mudo] de vez que se faz já tá tudo pronto, só é fixar, e tal, isso não precisa,

não há necessidade de alimentação nessa operação, depois do Pau levantado então a gente toma uma cervejinha.

Entrevistadora: Certo. E há algum instrumento, algum objeto que toque? O senhor leva, assim, todo ano, um objeto que o pai do senhor deu, que alguém deu? Assim, uma pipinha, alguma coisa que o senhor leve todo ano?

Seu Ademar: Não, não tem nenhuma decoração não viu.

Entrevistadora: Tem não né. E roupa? Tem uma roupa específica?

Seu Ademar: Ah, a roupa, a gente vai de bermuda, por que fica mais apropriado pra se trabalhar, calçado, tênis, pra que se dê a fixação pra se locomover pra lá e pra cá, mas não tem farda, não tem nada específico.

Entrevistadora: Tem não né. E esse short é variado, todo ano é um.

Seu Ademar: Todo ano, é.

Entrevistadora: Não há danças não né?

Seu Ademar: Não.

Entrevistadora: E durante essa preparação há alguma música, alguma oração?

Seu Ademar: Não, durante essa preparação a festa continua lá, mas não tem nada haver com o levantamento não. Banda de música tá lá, som e etc., carro de som, os carros de som colabora muito conosco, por que do carro de som ele pode dar as coordenadas para as pessoas que estão ajudando ouvirem, por que numa algazarra daquela, numa zoada daquela, se não for através de um carro de som não era possível se dar as ordens para que o levantamento do Pau se procedesse.

Entrevistadora: Então quer dizer que não tem nenhuma musica. Nenhuma oração, vocês não fazem nenhuma oração não?

Seu Ademar: Não, não.

Entrevistadora: E após a execução toda, o que é que o senhor faz?

Seu Ademar: Após a execução toda a gente vai festejar, festejar com aquele pessoal que colaborou com a gente, naturalmente, tomar uma cervejinha, ouvir as musicas, geralmente tem um som, uma banda, pra animar a festa depois do levantamento do Pau.

Entrevistadora: E qual é o resultado, depois de tudo, pro senhor?

Seu Ademar: O resultado é satisfatório, missão cumprida.

Entrevistadora: E qual é o publico que assiste todo o levantamento do Pau?

Seu Ademar: É incalculável, presumi-se que esse ano venha pra mais de, sei lá, no levantamento do Pau tinha mais de 5 mil pessoas assistindo o levantamento do Pau.

Entrevistadora: E depois? O guincho fica lá, guarda o guincho?

Seu Ademar: É, esse guincho depois dos dias é recolhido para a secretaria paroquial.

Entrevistadora: E o senhor recomenda alguma mudança?

Seu Ademar: Não, esse até agora tá dando certo e que o trabalho deva ser executado do modo como está sendo feito até agora.

Entrevistadora: E onde é que o senhor guarda esse guincho?

Seu Ademar: É na secretaria paroquial, no depósito lá que tem.

Entrevistadora: E como é o nome do local onde é fixado o guincho?

Seu Ademar: É na Rua da Matriz, na Praça da Matriz.

Entrevistadora: O nome da igreja, qual é?

Seu Ademar: Igreja de Santo Antônio.

Entrevistadora: Quem é dono do guincho? Tem algum dono?

Seu Ademar: A paróquia.

Entrevistadora: Certo. Que mais falta informar sobre esse guincho?

Seu Ademar: Se você quiser detalhes melhor, tem um ancião aqui com 96 anos, chamado Mestre Pedro Batista, que ainda está vivo e sabe dessa história do guincho melhor do que eu ainda.

Entrevistadora: E há outros ofícios nessa localidade? Na igreja, há outros ofícios?

Seu Ademar: Na igreja há... é... o Pau da Bandeira é uma festa profana né, aquilo é em homenagem aos santos, mas não é um dom religioso, um dogma de fé, nem nada, então, a parte religiosa se procede na Igreja Matriz, a novena de Santo Antônio, já que não tem nada haver com o Pau da Bandeira, já é a função religiosa da Festa de Santo Antônio.

Entrevistadora: E como começou o Pau da Bandeira?

Seu Ademar: O Pau da Bandeira eu não posso dizer como iniciou, por que eu nasci em Barbalha e dos 6, 5 anos de idade, já veio, já assistia esse mesmo cortejo, eu não sei dizer como começou.

Entrevistadora: E por que começou o Pau?

Seu Ademar: O Pau começou pelo seguinte, hoje isso é um costume que pegou, então toda capela que tem festa, é, inicia pelo carregamento do Pau da Bandeira, por que o carregamento? Por que é fincado nesse mastro a bandeira daquele santo que é padroeiro daquela localidade, aqui em Barbalha mesmo tem Pau da Bandeira que não acaba mais, tem o Pau da Bandeira de Alegria, de São Vicente, tem Pau de Bandeira no (?) de São João, tem Pau de Bandeira no Barro Vermelho, o Pau pegou tanto que

até santa tem Pau pra levantar, quer dizer, até Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro, tem um Pau da Bandeira, logo, o Pau da Bandeira é uma coisa que faz parte do festejo religioso de onde tem um padroeiro.

Entrevistadora: durante todo esse processo em que o senhor coordena esse levantamento do Pau, o senhor tem contato tanto com o pessoal que levou o Pau, com o capitão, com o restante do pessoal que trabalhou né?

Seu Ademar: Exatamente, se trabalha em comum acordo, em harmonia, por que senão não daria o resultado, não era o serviço que possa ser feito por uma pessoa, tem que ser feito por um grupo que esteja em harmonia com aquele trabalho que se está fazendo.

Entrevistadora: E esse contato é só durante a festa ou depois (?)?

Seu Ademar: Isso a gente já tem esse pessoal que, durante tantos anos que a gente já faz isso, a equipe geralmente é a mesma.

Entrevistadora: É a mesma. Mas você tem contato com ela o ano todinho, de (?) na sua casa, de...

Seu Ademar: Não, não precisa, não é necessário.

Seu Ademar: É 15:55.

Entrevistadora: 15:55.